



Hora mágica do ensino das regras

Existe algo mais fascinante que observar crianças de seis a dez anos?

Nessa idade, em que ainda se encontra distante de ser efetivamente adulto, o ser humano ganha aspectos de singularidade e, se humano não fosse, por certo receberia o aplauso e o estudo curioso de zoólogos. Fase da vida em que é comum crescer mais de oito centímetros e engordar até três quilos em um só ano, meninos e meninas constituem espetáculos de originalidade indescritível. Falam em profusão atropelando palavras ou mergulham em silêncios cismadores e profundos, e ao caminhar – quando se imaginam não observados – equilibram-se em beirais, correm e param, apanham tudo que lhes emoldura as passagens, alternam breves corridas com pulos injustificáveis, engolem coisas extravagantes e, surpreendentemente, conseguem até chegar inteiros em casa. Em algumas circunstâncias, grudam-se ao celular ou ao computador, em outras se largam inertes e estáticas diante da televisão.

As crianças nessa fase, ou mais especificamente dos sete aos dez anos de idade, encontram-se no estágio de desenvolvimento cognitivo e de habilidades mentais que Piaget denominava “operações concretas”, podendo fazer inúmeras coisas que quando menores não podiam, e por isso tornam-se tão estranhas e tão fascinantes. Em geral, são agora capazes de operar símbolos da mesma forma como na fase anterior manipulavam objetos. As palavras, os números e as pessoas ganham significado especial e incorporam-se às suas vidas como antes não aconteceria. Para os seres humanos há uma imensa diferença entre a manipulação de coisas e a manipulação de símbolos.

Os números, por exemplo, alcançam entre as crianças pequenas apenas o limite do que percebem e sentem, ou seja, sabem que um não é a mesma coisa que três, mas jamais podem imaginar que cem é mais

*que quarenta. Já a partir da fase operacional concreta, conquista-se o senso real dos números. O cérebro, que antes divagava entre a certeza concreta do um e do mais que um, ganha direito ao mistério dos milhares e desenvolve convenções fantásticas. Tal como os números, as palavras deixam de se referir a coisas palpáveis e assumem horizontes antes impensáveis. Essa operação cerebral permite um novo nível de realizações, e a fantasia do amigo secreto ganha contorno de multidões secretas, abrindo caminhos para novas aquisições intelectuais e interpessoais. Nesse estágio descobrem a capacidade de operar seguindo regras que representarão a base de todo o intercâmbio social duradouro. **É a fase em que a ajuda dos pais é bem mais que necessária, é imprescindível.***

*É chegada a hora maravilhosa de conclamar as crianças a **organizar e a combinar “contratos”**. **Elas devem descobrir que a maneira ideal e certa de se comportar é aquela que obedece a convenções democraticamente construídas e que com os pais, com paciência, foram aprendidas. O bom adulto, nessa hora, não é apenas o que estabelece limite, mas aquele que ajuda a criança a construí-lo, não é aquele que a toda hora sabe apenas dizer não, mas que encaminha a criança para se dizer não.** Perder essa oportunidade é um imperdoável lapso contra a educação e, no desenvolvimento desta, a família e a escola assumem a plenitude ilimitada do seu valor.*

Quando uma criança aprende a construir e a dominar as regras, conquista o pensamento silogístico e está pronta para a educação formal, descobrindo que existem regras fonéticas, de escrita, de aritmética. Aprender regras lhe possibilita participar de jogos complexos, criar seus próprios jogos, ordenar as linhas

de seu destino, enfim, saber viver em grupo e assim se tornar realmente uma pessoa. *É a oportunidade em que os pais jamais devem deixar de mostrar com doçura, mas com firmeza, que existe hora para ligar e desligar a tevê, para brincar com jogos eletrônicos ou bonecas, mas também existe hora de parar.*

Impossível afirmar que essa é a mais linda fase do pensamento humano, embora essa beleza seja inesgotável em todas as ocasiões, mas seguramente é uma fase admirável, que requer professores capacitados e pais pacientes para explorar essa incrível competência mental e construir um ser efetivamente social.

*Nessa fase, muitos alunos em uma sala e a impessoalidade de uma aula constituem um crime contra a educação, como crime menor constituem a pressão para aprender depressa, a monotonia de aulas expositivas, as provas iguais para todos e a presença de adultos que, “proprietários de saberes”, transmitem conhecimentos sem dar direito à exploração da curiosidade. **Toda criança precisa do adulto, porém é nessa fase que ele se faz mais necessário.** É imperioso compreendermos a criança e assim nos tornarmos-nos dignos dessa essencial necessidade, da dimensão infinita dessa bela oportunidade que nem sempre percebemos, ainda que sejamos intensamente procurados.*

(Professor Celso Antunes. Especial para o Sistema de Ensino Energia.)



Nota de esclarecimento: Por questões de direitos autorais a impressão ou a cópia textual desse arquivo foram desabilitadas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do Sistema de Ensino Energia - Unidade Florianópolis.